

Os instrumentos de pesquisa mais frequentes na pesquisa de intervenção

Os instrumentos de pesquisa são fundamentais para que o pesquisador levante dados iniciais e mesmo avalie o alcance das ações de intervenção realizadas. Entre os instrumentos utilizados mais comuns estão as observações, os questionários, as entrevistas. Além desses valem destacar alguns instrumentos de pesquisa com grupos, como grupo de discussão ou o grupo focal.

Nesse texto apresentaremos algumas informações preliminares sobre esses instrumentos básicos que serão objeto de exploração maior de cada grupo no módulo 2, conforme o interesse e necessidade de cada projeto de intervenção. É muito importante que todos os grupos saibam que devem escolher os instrumentos em função do tempo disponível para a pesquisa e do caráter do tema.

A observação

O instrumento de observação permite recuperar e registrar o aspecto exterior das ações e não sua intencionalidade. Para a pesquisa de intervenção em que procuramos compreender é importante que esse instrumento seja complementado por uma entrevista.

- O *primeiro passo* da observação é escolher as ações a serem observadas em função do que se quer investigar e do tempo disponível. Depois disso, devemos planejar a observação.

- O *segundo passo* é comunicar os sujeitos que serão observados, isto porque na pesquisa de intervenção o sujeito pesquisado é considerado parceiro, do contrário a mudança a ser promovida pela intervenção não tem efeito e o comprometimento da pesquisa com a realidade local deixa de existir. No momento de comunicar os sujeitos é importante informar as decisões tomadas sobre o roteiro da observação, o tempo e o meio utilizado para o registro.

- O *terceiro passo* é planejar a observação construindo um roteiro detalhado do que se quer observar.

- O *quarto passo* é preparar-se para registrar a observação por escrito ou gravada em imagens. O registro escrito tem vantagens para a observação de ambientes com muitas pessoas, pois é possível rapidamente anotar tanto informações sobre o movimento e sobre a fala das pessoas que vêm de lugares distintos do espaço em que se desenrola a ação. A filmagem exige um deslocamento da câmara e este não pode ser rápido, para que não se perca a nitidez. A

gravação de som fica quase sempre prejudicada quando há sobreposição de sons. Também é possível realizar a gravação do áudio, que deve ser complementar às anotações, uma vez que algumas partes da conversa podem não ficar claras nas fitas cassetes, ou no momento da reprodução do som em mp3 ou dispositivos de áudios mais modernos, sujeitos também a problemas de interferência.

- O *quinto passo* diz respeito à conduta do observador de não interferência na situação observada. e, ao mesmo tempo, de auto-análise sobre suas emoções e sentimentos no momento da observação. É importante o registrar as emoções sentidas para verificar no que elas podem contaminar a interpretação do que foi observado.

- O *sexto passo* é fazer ler o registro da observação, transcrever se for o caso de gravações, fazer uma primeira análise e preparar questões para mostrar o material aos sujeitos observados.

- O *sétimo passo* é socializar com os sujeitos observados para que sejam explicitadas as intencionalidades dos atos registrados e para que os próprios atores possam refletir e questionar suas ações e práticas. Essa complementação pode ser uma entrevista, quando o sujeito observado é um só, ou uma conversa em grupo, aos moldes do grupo operativo ou do grupo focal.

As entrevistas

Em levantamento bibliográfico sobre o uso de entrevista na pesquisa em educação, a pesquisadora Ana Cláudia Sacramento nos esclarece que de uma forma ampla a entrevista é um instrumento de pesquisa que visa obter informações de interesse a uma investigação. O pesquisador formula perguntas orientadas, com um objetivo definido, para identificar diferentes variáveis e suas relações, comprovar hipóteses, orientar outras fases da pesquisa, coleta de dados para uma pesquisa preliminar. Segundo Gil (1987) a entrevista é uma forma de diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Desta maneira, segundo o autor a entrevista:

- a) possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
- b) é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;
- c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação e, às vezes de, quantificação.

Além disso, dentro das entrevistas, precisa haver algumas questões básicas para que as respostas possam sair naturalmente dos entrevistados. Ela precisa ser vista como um trabalho no qual o resultado é essencial para que a pesquisa seja verídica, pois o que interessa é fazer com que eles, os sujeitos falem. Segundo Thompson (1992) no processo de organização e de execução da entrevista, há alguns princípios básicos:

- 1) Preparação de informações básicas, por meio de leitura ou de outras fontes;
- 2) Perguntas simples e diretas em linguagem comum;
- 3) A escolha do local da entrevista deve ser de agrado do entrevistado;
- 4) Explicar sucintamente o objetivo da pesquisa;
- 5) Perguntar se a entrevista pode ser gravada;
- 6) Observar a qualidade da gravação;
- 7) Manter em segundo plano, fazendo gestos e evitando comentários para fluir as respostas do entrevistado;
- 8) Evitar interromper a resposta mesmo que não tenha nada a ver com a pergunta para não inibir o entrevistado;
- 9) Ficar atento ao que o entrevistado diz e, se for o caso, pedir para que ele volte a alguns assuntos pelos quais passou rapidamente.
- 10) Ter clareza sobre até onde chegou à entrevista;
- 11) Fazer uma entrevista entre 1:30 ou 2:00 horas, mesmo que tenha que deixar para outro dia;
- 12) Registrar o material coletado e submetê-lo posteriormente ao entrevistado para que ele tome conhecimento daquilo que foi anotado e compreendido por você, deixando-o à vontade para reaver alguns pontos que podem ter sido mal interpretados.

O conhecimento de como proceder na entrevista ajuda sua flexibilidade, seu objetivo e sua organização, deixando confortável tanto o entrevistador como o entrevistado.

Os questionários

Instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, em um grupo. Ele se torna útil quando pretendemos recolher informação sobre um determinado tema. Segundo Gil (1987, p. 126) “a construção do questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos”. A importância dos questionários passa também pela facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto. Entretanto para que o questionário seja eficiente, ou seja, as respostas sejam confiáveis, é preciso tomar alguns cuidados:

- A formulação de cada uma das perguntas, em linguagem clara e objetiva.

- A montagem da sequência de perguntas
- A testagem das perguntas para saber se de fato elas trarão as informações que se quer.
- A definição do universo dos respondentes deve ser composto com as mesmas proporções do universo real. Por exemplo, para uma escola de 3000 alunos, eu aplico um questionário para 300 alunos. Esse questionário deve manter a mesma proporção de indivíduos por gênero, faixa etária, série, etc.
- No caso de o questionário abranger um grande número de pessoas é recomendável que ele seja construído com questões fechadas, caso contrário a equipe responsável pela tabulação e análise dos dados deverá ser muito grande e ter muito tempo disponível.
- O rigor na tabulação dos dados e a clareza na sua apresentação.

É importante notar que o questionário pode ser bastante útil nos diagnósticos ou estudos exploratórios nos quais o grupo quer confirmar se o seu tema é pertinente ou não e depois mostrar o resultado para toda a comunidade, envolvendo-a na busca de solução para o problema.

O grupo focal e grupo de discussão

O **grupo focal** é uma estratégia interativa de coleta de dados, que segundo Weller (2006, p. 246), citando Flick (2004) permite reunir mais de um depoimento ou opinião de uma única vez por meio de uma entrevista coletiva semi-estruturada focada em um tema. O pesquisador atua como moderador do grupo e deve conduzir a reunião garantindo a circulação de opiniões, bem como o foco no tema. Sua função é avaliar a reação do grupo ao tema ou situação proposta.

Há alguns cuidados a serem mencionados com relação à formação do grupo é preciso que haja interesse pelo tema e que o grupo tenha um número reduzido de participantes, entre 6 e 12 pessoas. Segundo Merton, 1984, os grupos focais são muito utilizados em pesquisa explorativas ou avaliativas, ou como técnica complementar às pesquisas quantitativas. Trata-se de uma estratégia muito utilizada em pesquisas de mercado e em pesquisas eleitorais e a análise dos resultados não leva em conta a origem social ou a faixa etária dos entrevistados.

O **grupo de discussão** difere do grupo focal por que seu objetivo é o de analisar as visões de mundo ou representações coletivas apresentadas pelo grupo. Segundo Weller (2006, p. 245):

as opiniões trazidas pelo grupo não podem ser vistas como tentativa de ordenação ou como ou como resultado de uma influência mútua no momento da entrevista. Essas

posições refletem acima de tudo as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence. Essas visões de mundo (Weltanschauungen) resultam — segundo Mannheim (apud Weller et al., 2002, p. 378-79) — de “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como uma base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos”.

A maneira de constituição do grupo de discussão difere, por isso, do modo utilizado no grupo focal, no qual podem se misturar pessoas diferentes e sem vínculo entre si. Os grupos de discussão, ao contrário, são constituídos com a finalidade de se reproduzir grupos reais, ou seja, estruturas sociais que se mantem a partir de processos comunicativos identificáveis por padrões de comunicação.

Esse método é bastante utilizado nos estudos de juventude, de diferenças geracionais, de gênero e do meio social.

Considerações finais

A pesquisa de intervenção, por seu viés de profunda relação com a solução de problemas, utiliza os instrumentos de coleta de dados como ação para provocar a reflexão da situação ao mesmo tempo em que produz um conhecimento a respeito dela. É muito frequente que a pesquisa de intervenção utilize mais de um desses instrumentos e ainda que produza situações de discussão em grupo ou de representações que se aproximam de técnicas conhecidas pela psicologia social, como o psicodrama e o grupo operativo.

Esse primeiro texto pretendeu ser apenas um aperitivo para as abordagens metodológicas, as quais serão aprofundadas no módulo 2, quando o grupo fará o diagnóstico ou estudo exploratório do seu tema, na escola de cada um dos integrantes.

Nesse momento, o grupo e o tutor discutirão quais as melhores formas de intervenção e, a partir dessa discussão, serão orientadas outras leituras.

**Bibliografia:**

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1987

THOMPSON, Paul *A voz do passado: historia oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo v.32, n.2, p. 241-260, mai./ago.2006.

Para ir além:

BAUER, Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002

WELLER, Wivian *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*. Petrópolis: Vozes, 2010.